

“... a capital da cultura dos outros”

Qual é a melhor recordação de Verão da sua infância?

• Que, em Luanda, era Verão todo o ano.

Durante 1994, a quem é que teve vontade de pregar uma grande estalada?

• Não prego estaladas. Uso o alicate.

Conte-nos os seus planos para o Verão de 1994.

• Os artistas portugueses não se podem dar ao luxo de ter planos. Apenas têm miragens.

Toma Prozac? Se não toma, toma o quê?

• Não. Tomo o quê.

O que é para si o final de tarde perfeito de um dia muito quente?

• A propósito, aí no Público não há o telefone da Ornella Mutti?

A artista brasileira Cristiane Torloni, depois de regressar ao Brasil, afirmou ao jornal “Globo”: “Santana Lopes faz política barata (...), em Portugal não se pode sonhar e agora entendo o índice de viciados em heroína.” Quer comentar?

• Ao que consta, a Torloni não saiu nada barata ao Lopes. Não sabia que se fazia política em Portugal. Mas ela tem razão quanto ao sonhar. Isto está cada vez mais um pesadelo.

O que é para si um totalmente detestável dia de férias?

• Se o dia me corre mal, penso que se tivesse visto o Perdão-me, teria sido muito pior.

Foi de alguma maneira sensível à novela mediático-melodramática Toni-Artur Jorge?

• Para melodramático, já me

basta ser do Sporting. Que está bastante “merdiático”, diga-se de passagem.

Consegue mergulhar numa piscina sem pensar em todo o tipo de doenças a que está sujeito?

• Se pensasse nas doenças que posso apanhar não saía de casa.

Há uma geração rasca em Portugal? E, se existe, como se comporta essa geração quando o calor aperta?

• A peste rasquina é uma doença muito em voga cá no burgo. Mas não escolhe gerações. O mal é que, essa gente, quer contaminar o resto das pessoas, mesmo que o calor não aperte.

Do Minho ao Algarve, escolha a praia que privatizaria só para si, para a sua família e para os seus amigos.

• A praia dos Nabos. Antes da sua invasão por certos políticos, chamava-se a praia dos Tomates.

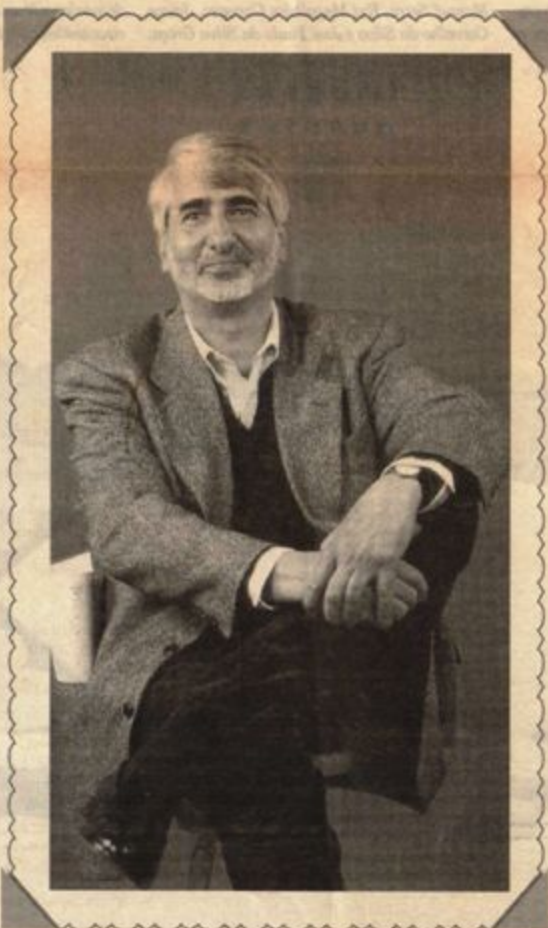
O que é que pagava para ver acontecer?

• Que Lisboa fosse mais a capital da cultura feita pelos portugueses e, um pouco menos, a capital da cultura dos outros.

Quais são os jornais que não dispensa na praia ou no campo?

• Sou um grande consumidor de jornais. Devoro a prosa do Peixeseco Pereira. Adoro o Nuno Rafeiro. Bebo as laranjadas do Graxa Moura. Injeto-me com o Adrenalino Gomes. E abalizo-me com a Pí-nhão. Entre outros.

Conhece o Alentejo profundo? E o Pulo do Lobo? E então?



• Alentejo profundo não conheço. Mas há uns tipos que o querem pró fundo. Não conheço o Pulo do Lobo, mas sei que o Capuchinho Laranja foi lá recentemente.

O que é que o irrita profundamente?

• Irrita-me e entristece-me profundamente que ainda não se tenha inventado a vacina contra o mal de que padecem

grande parte dos dirigentes políticos e desportivos: a SINA (Síndrome da Inteligência Não Adquirida)

Descreva-nos o seu dia ideal de férias. Praia ou campo? Ou cidade?

• Praia, se a água do mar estiver a mais de 20 graus. Cidade, se a cidade for Paris ou Veneza.

Quem é que espera não encontrar nestas férias?

• Quantas páginas do vosso jornal posso ocupar?

Na costa portuguesa recomende-nos um restaurante à beira-mar para um jantar de arromba. Recomende e justifique.

• Vou ali telefonar ao José Quitério e volto já.

O que é que o incomoda mais: as melgas de Verão ou as melgas do ano inteiro?

• Contra as melgas de Verão tenho solução. Agora contra as melgas que nos chateiam o resto do ano, não encontro solução e estou prestes a render-me.

O seu local de férias tem muito “jet set”?

• Em Portugal, quanto muito, tem “jet-três-e-meio”.

Há 20 anos vivia-se o primeiro Verão pós-25 de Abril. Lembra-se como e onde o passou? E com quem? E quais eram as suas preocupações?

• Ainda vivia em Paris e não tinha voltado para o “paraíso”. Passei em Itália com a Judite. As minhas preocupações só começaram quando vim viver para cá.

* compositor, intérprete